

filosofia

ciência&vida



CONTEMPORÂNEA

Será que os intelectuais odeiam o capitalismo?
A quem interessa pensar assim?



RENATO JANINE RIBEIRO

O potencial e a força que os erros
e fracassos têm em nossas vidas

ANO X N° 130 - www.portalespacoedosaber.com.br



TRABALHO

Como falar de
produtividade em uma era
de metas alucinadas?

ÁFRICA

O corpo como
gramática e tradução
da personalidade

BIOÉTICA E FELICIDADE

Preservar a dignidade durante a
evolução humana é vital para garantir
plenitude e bem-estar ao indivíduo



REFLEXÃO E PRÁTICA: O movimento romântico e seus efeitos na política



EDIÇÃO 130 - PREÇO R\$ 12,90

ISSN 1809-0738

0.0.1.3.0

9 017 1809 0738 0005 1

Os intelectuais odeiam o capitalismo? A quem interessa pensar assim?

Um debate sobre ressentimento, identificação e laço social

A tarefa de responder as questões acima é ainda mais difícil quando se tenta encontrar respostas de ordem íntima, como quando se atribui a oposição, por exemplo, a um ressentimento. Mas foi exatamente isso que tentou fazer Andrea Faggion (1979) no texto intitulado *Uma velha pergunta: por que os intelectuais odeiam o capitalismo*, inspirando-se, segundo ela, em Robert Nozick (1938-2002). A autora partiu do pressuposto de que os intelectuais¹ não apenas se opõem ao, mas odeiam o capitalismo. Trabalharemos sobre o texto da autora mencionada, pois, apesar de o tema já ter sido bastante debatido ao quase esgotamento, foi a partir da estranheza com o conteúdo do respectivo texto que escrevemos o nosso. A recorrência dessa discussão que visa justificar e conservar o sistema existente é algo também a se destacar. A que(m) serve

¹ É preciso sublinhar de antemão, para não mistificar uma posição social, que por intelectual pode-se pensar aquele que em seu ofício comumente “trabalha com ideias”, diferentemente de um trabalho predominantemente manual onde a produção é materialmente bem-disposta e facilmente tangível. Sabemos, por sua vez, que há um grupo vasto que se encaixaria nesta significação, contudo, devemos lembrar que a alcunha de “intelectual” é comumente associada, ao menos aqui no Brasil, aos professores e pesquisadores de humanidades. Discutiremos mais sobre isso no decorrer do texto. Ver texto original de Nozick em <https://www.libertarianism.org/publications/essays/why-do-intellectuals-oppose-capitalism>

passar a impressão de que os intelectuais odeiam o capitalismo? Cabe ressaltar que tal debate costuma ressurgir em tempos de crise política e parece ser uma espécie de ataque preventivo às possíveis críticas e propostas de reestruturação da sociedade, apareçam elas como possíveis ou como necessárias.

No texto em questão, a autora pede primeiramente que aceitemos como axioma que ‘a maioria dos intelectuais odeiam o capitalismo’. O próprio título de seu texto, a pergunta ‘Por que os intelectuais odeiam o capitalismo?’, parte do princípio de que é fato dado que os intelectuais odeiam o capitalismo. Isto não é posto em questão. No texto, a autora apenas questiona quais são as razões, quais são os motivos para isso. Antes de mais nada, podemos perguntar: por quais métodos se verifica as motivações dos intelectuais no tocante ao seu suposto ódio ao capitalismo? Ou tal ódio seria declarado por meio de um questionário passado entre os intelectuais, o qual resultou em uma estatística onde os intelectuais responderam: ‘Você odeia o capitalismo? Justifique?’ Ora, não foi o caso.

Com efeito, ao se dizer ‘os intelectuais’ sem uma definição de local, tempo, área de estudo etc., se está tomando o intelectual como aquele que possui algu-



ALEXANDRE STARNINO
É GRADUADO EM
FILOSOFIA PELA
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO –
UFRJ, PESQUISADOR PELA
FAPESP E MESTRANDO
EM FILOSOFIA PELA
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE CAMPINAS –
UNICAMP/FAPESP COM
PERÍODO EM PARIS VII.



DIEGO MILELI É MESTRE
EM FILOSOFIA PELA
UNIVERSITÄT HAMBURG
– UHH E GRADUADO PELA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO – UFRJ.



ANTES DE MAIS NADA, PODEMOS PERGUNTAR: POR QUAIS MÉTODOS SE VERIFICA AS MOTIVAÇÕES DOS INTELCTUAIS NO TOCANTE AO SEU SUPOSTO ÓDIO AO CAPITALISMO?

mas características universais, atemporais e essenciais – neste caso, não ditas – que se encontram presentes em todos os intelectuais e que é justamente o que os torna intelectuais. Esta assunção por si só já é ousada. Além disso, os intelectuais são sujeitos cujas identidades, da mesma forma que em qualquer outra pessoa, se compõem de uma miríade de aspectos que influenciam seu pensar e suas conclusões. Não terão suas tradições, histórias, crenças, origens, condições financeiras, culturas, etc. nenhuma interferência significativa no resultado, de modo que se os possa simplificar todos, de todas as áreas e de todos os tempos? Pode-se simplificá-los única e exclusivamente a ‘intelectuais’? Eles constituem de fato um grupo? Uma identidade? Será que está na natureza do intelectual odiar o capitalismo? É realmente o caso que os intelectuais odeiam o capitalismo? Se não for o caso, a pergunta sequer tem sentido. Seria como perguntar porque os peixes gostam de sorvete. Mas, voltemos à parte afirmativa da pergunta, ou seja, ‘os intelectuais odeiam o capitalismo’.

Para entender essa afirmação, três elementos são necessários: os intelectuais; odiar; e o capitalismo. Então, primeiro devemos perguntar quem é o sujeito da frase; o que é o intelectual? Por falta de alternativa, tomemos por intelectual aquele que tem a atividade intelectual como ‘ofício’, diferentemente de um trabalho predominantemente manual onde a produção é materialmente bem-disposta e facilmente tangível², pois simplesmente exercer a ‘atividade intelectual’ em sentido lato nos levaria à conclusão de que os seres humanos – e possivelmente outros animais – odeiam o capitalismo. Dentre aqueles que tem a atividade intelectual como ofício, eles de fato odeiam o capitalismo? Os intelectuais da Índia? Os químicos dos Estados Unidos? Os filósofos da Inglaterra? Os literatos do Zimbábue? Se fala de todos os intelectuais? De todas as áreas? De todos os tempos? De todo o globo terrestre?

A autora do texto diz partir de um texto de Nozick, que se pergunta por que os intelectuais se opõem ao capitalismo. Os problemas acima se aplicam a Nozick também. Apesar de ele definir o que é intelectual, ele não especifica de quais áreas – limitando-se a dizer que são aqueles que *trabalham com as palavras* –, de quais países, de quais tradições etc.³ Por outro lado, ele ressalta que nem todos os intelectuais tem inclinação ideológica “à esquerda”, mas que a ‘esquerda’ seria mais representada no grupo de intelectuais em comparação à sociedade em geral. Nozick tampouco esclarece de onde vem suas conclusões sobre as tendências políticas, nem como chegou à base de seu argumento para justificar que os intelectuais seriam ressentidos: “Intelectuais esperam ser as pessoas mais valorizadas em uma sociedade, aqueles com maior prestígio e poder, aqueles com as maiores recompensas”⁴, afirma.

Para não desviar o foco, voltando ao texto principal de nossa análise, é curioso que a autora derive ‘odiar’ de ‘opor-se’. Odeia-se tudo aquilo a que se opõe? Se alguém se opõe à construção de um museu quando para isso famílias teriam que ser removidas de suas casas, ou porque o trânsito seria alterado, ou por descaracterizar a arquitetura histórica da região, etc., nesse caso não parece que seria adequado dizer que essa pessoa odeia a construção de museus ou odeia museus. Opor-se e odiar não são sinônimos, como a autora parece utilizar. Isto parece claro a qualquer um. Por que usar o verbo ‘odiar’? Voltaremos a isso mais adiante ao tratar de a que(m) serve passar a impressão de que os intelectuais odeiam o capitalismo.

O ÓDIO AO CAPITALISMO

Para tentar salvar a coluna da autora, imaginemos que ela tenha se referido aos ‘intelectuais’ do âmbito da academia brasileira, pelo menos daqueles que se dedicam às ‘Ciências Humanas e à Filosofia’. Contudo, a

²Ver nota anterior

³ (Nozick, 1998, tradução nossa)

⁴ Ibidem.

questão não parece ter sido examinada quantitativamente tampouco qualitativamente. Como será que se mede o *afeto do ódio* e a descrença subjetiva de cada intelectual frente ao sistema capitalista? A metodologia que se empregaria provavelmente desagradaria alguém com o mínimo de conhecimento em epistemologia e provavelmente se impugnaria a pesquisa. Porém, isso é o que menos salta aos olhos. A formulação, poderíamos dizer, mais 'emblemática' da autora - é uma certa convicção de que, como diz a autora, o "*ressentimento é o afeto preponderante que faz com que os intelectuais odeiem o capitalismo (...)*

o fator que impele os intelectuais na direção do anti-capitalismo diz respeito aos valores que orientam o sistema de justiça distributiva. Intelectuais se sentiriam no direito às maiores recompensas da sociedade e se sentiriam ressentidos ao não receberem essas recompensas. Em suma, o *ressentimento intelectual contra o capitalismo surgiria ao constatarem que um sistema capitalista de distribuição não satisfaz um princípio meritocrático da forma "a cada um conforme seu mérito ou valor"*. Quem, afinal, não conhece um professor ressentido por ser menos valorizado do que um Neymar? Ou um filósofo que não torce o nariz para a sociedade que coloca os livros de Augusto Cury nas bancas de destaque das livrarias, em vez dos dele? (grifos nossos)

Sobre o trecho acima, gostaríamos primeiramente de destacar o seguinte: a autora afirma que os intelectuais se sentiriam no direito às maiores recompensas da sociedade e se sentiriam ressentidos por não receberem essas recompen-

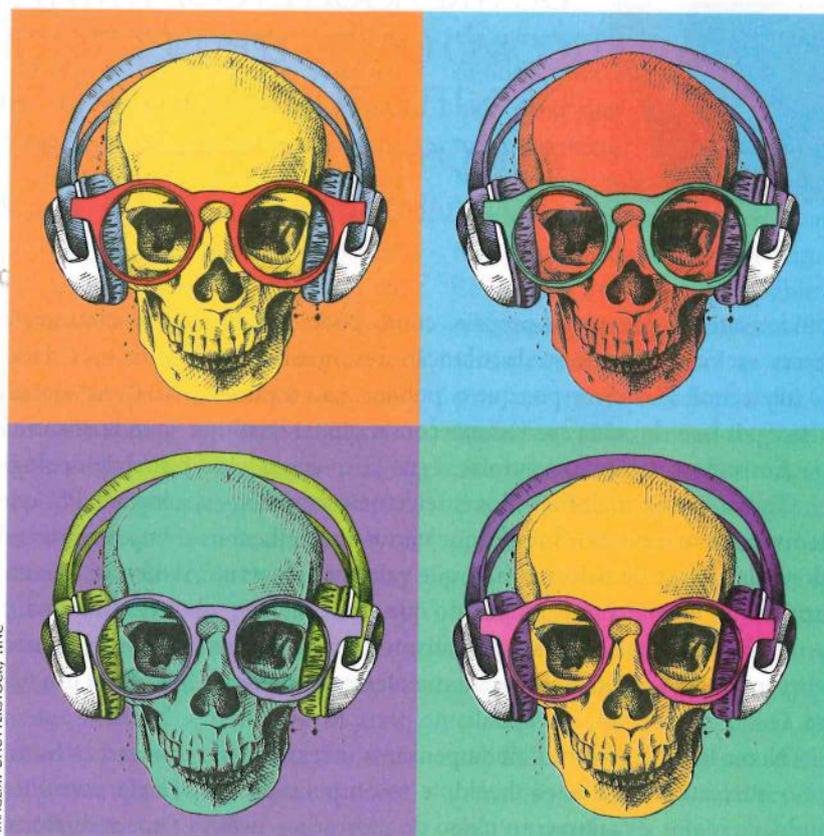


IMAGEM: SHUTTERSTOCK, .INC

sas. Essa afirmação se contrasta completamente com a de Nozick, o qual afirma que "alguns dados sugerem que quanto mais próspero e bem sucedido o intelectual, mais ele tende a se opor ao capitalismo." Ou seja, então não seria o caso de ressentimento por não ser 'vendido', pois quanto mais bem-sucedido, maior seria a oposição. Além disso, cabe mencionar que, pela definição de Nozick no texto citado pela autora, Augusto Cury também se encaixaria na categoria de intelectual, "pois trabalha com a palavra e por meio dela" (Ibidem). Desta forma, não há como se opor Augusto Cury e 'os intelectuais' - no caso, exemplificado por um filósofo - sem ser contraditório.

Em segundo lugar, o argumento de Faggion no fragmento acima gira em torno de que o *ódio* - o

qual ela aproxima quase que sem fronteira nítida ou como efeito do ressentimento - emergiria de a constelação de valores da ordem da justiça distributiva dos 'intelectuais' "anti-capitalistas" não ser contemplada pelo fato, como diz ela, de que um padeiro pode ser muito mais valorizado pelo 'público' do que um 'intelectual'. A autora ainda acrescenta que esses 'ideais de justiça distributiva' que o intelectual carregaria, é um deslocamento de algo vivenciado em sua formação escolar, onde há professores distribuindo notas e avaliações, em contrapartida, no livre mercado não haveria isso, pois a distribuição e os critérios são difusos e arbitrários. Diz ela: "Cada um de nós - ao eleger em qual padaria vai comprar pão, ou optar entre comprar um livro ou ir ao cinema - é um distri-



DENTRE AQUELES QUE TEM A ATIVIDADE INTELLECTUAL COMO OFÍCIO, ELES DE FATO ODEIAM O CAPITALISMO? OS INTELLECTUAIS DA ÍNDIA? OS QUÍMICOS DOS ESTADOS UNIDOS? OS FILÓSOFOS DA INGLATERRA? OS LITERATOS DO ZIMBÁBUE? SE FALA DE TODOS OS INTELLECTUAIS?

buidor agindo por conta própria, como pode, então, haver racionalidade nessa distribuição desorganizada? O intelectual se *ressente* por que o ‘público’ não o valoriza e por isso ele *odeia* e se *ressente* com o capitalismo”.

Em síntese, segundo a autora, segue-se que:

Todos – ou a maioria – dos intelectuais se ressentem e odeiam o capitalismo porque não são reconhecidos pela ‘massa’ ou pelo ‘público’, que valorizam mais o criador do *Iphone*, por exemplo, do que ele.

Todo intelectual odeia o capitalismo porque o que ele produz não é desejável para a maioria consumidora. Odeia-se, portanto, o capitalismo por isso.

Nessa linha, é possível ainda pensar o inverso, que se o intelectual fosse ‘reconhecido e recompensado’ – tudo, na lógica da autora, no plano do mercado – pela ampla maioria ele seria mais afável ao capitalismo, se conformariam.

Poderia se dizer, em suma, que ‘o Intelectual’ seria favorável ao livre mercado se acaso fosse melhor reconhecido? Já vimos que não é o que afirma Nozick, apesar da autora ter dito se inspirar nele, porém, pouco importaria, acreditamos, saber a exata resposta a essa pergunta. Acreditamos que com essa universalização caricaturesca dos motivos e anseios ‘do intelectual’ a autora arranha a superfície mais banal da relação que se nota no meio intelectual – ao menos no brasileiro – para com o capitalismo e o mercado. E por quê?

Primeiramente, o significado de capitalismo é amplo. A autora propõe que “por não existir um conceito consensual, entendamos que o livre mercado e o acúmulo de capital sejam traços centrais a qualquer concepção de capitalismo”. Para facilitar a argumentação, tomemos como válida a definição da autora sobre o capitalismo, suspendendo assim o questionamento sobre o capitalismo, suas formas de atuação, suas transformações históricas, sua globalização, sua invenção, sua justificação teórica, sua prática, etc. Em segundo lugar, não é possível *universalizar* uma posição subjetiva, como busca a autora ao dizer que o ódio e o ressen-

timento são efeitos de uma falta de reconhecimento de uma sociedade de mercados frente ao papel do ‘intelectual’ na sociedade. Isto é uma proposição pretensiosa que busca uma universalização do papel, do contexto social, ideológico e cultural em que se insere um ‘intelectual’. Por que todo mundo necessariamente quereria buscar o reconhecimento pelo mercado e o enriquecimento? Parece que a autora associa essa busca à natureza humana, pois não justifica porque os intelectuais a desejariam necessariamente. Quem não tem esse desejo seria um não-humano? Se não pertencer à natureza humana – se pertencer, teria que se explicar o que é a natureza humana e porque tal desejo seria intrínseco a ela; esta última tarefa é especialmente complicada já que o capitalismo não nasce junto com a humanidade – teria que ser explicado por que os intelectuais teriam esse desejo, o que a autora não faz.

A NÃO IDENTIFICAÇÃO

Tentemos agora pensar a *não identificação* com o capitalismo por uma outra via, lembrando que esta não é a única. Gilles Deleuze (1925-1995)⁵, por exemplo, irá afirmar que ter uma postura de “à esquerda”, de crítica ao livre-mercado, é uma questão de *percepção*. É o investimento de um olhar não verticalizado, mas horizontal, que no horizonte enxerga a impossibilidade da continuidade do modo em que vivemos. É olhar, por exemplo, para as pessoas que vivem nas ruas, mesmo nas nações mais desenvolvidas do mundo – do ponto de vista econômico –, e não enxergar tal crueza com a naturalidade peculiar de uma meritocracia liberal, mas sim como um efeito de um mau funcionamento sistêmico que transforma a miséria em lucro. Inclusive pensar que nada garante que não seria qualquer um de nós naquele estado, como mais ou menos dizem os

5 Deleuze afirma isso em uma conhecida entrevista de Claire Parnet, divulgada após a morte de Deleuze. Ver mais em *O Abecedário de Gilles Deleuze* (uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]).

versos de Bertold Brecht (1898-1956)⁶: “Se a minha sorte me deixa estou perdido” (...) verdade: eu ainda ganho o bastante para viver. Mas acreditem: É por acaso (...) Quem reconhece a situação como pode calar-se? (...) Esmagar sempre o próximo não acaba por cansar?” (...) Desconfiai do mais trivial (...) E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural (...) nada deve parecer natural”.

A percepção de que as mazelas sociais são expressões de uma forma de vida estruturada na normatividade e naturalização das sociedades de livre mercado é algo apontado por Deleuze e por muitos outros intelectuais, como Brecht. Muitos transpassam a sensação de que tal situação não pode durar. Deleuze vai afirmar ainda que o fato de milhares de pessoas morrerem de fome, por exemplo, se trata de uma injustiça absoluta não contra a moral, mas contra a *percepção*.

Seria, portanto, um genuíno *ato de ressentimento* apontar possíveis transformações em termos de um projeto político, ao invés da conformidade dos fatos num processo de *naturalização da percepção*? Alguém poderia argumentar que o capitalismo é ‘o melhor dos mundos possíveis’. O que parece ser o caso quando alguém primeiro lança a pergunta do *porque se odeia algo* e não esclarece o *porquê deveria se identificar com esse algo*. A sensação que passa é a de que se identifica com isso e crê que vivamos no melhor dos mundos possí-

veis. Ora, devemos achar natural, válido e coletivamente positivo o fato de oito homens terem em riqueza acumulada o mesmo tanto que metade de toda a população, como apontou recentemente a Oxfam? Grande parte desta metade vive em plena miséria. Há uma relação direta entre a plena miséria e a máxima riqueza, apesar de haver sempre aqueles que se identificam com o agressor e julgam que nada disso vale sequer uma batida de panela. Minimamente estranhar que o mercado, a junta financeira, determine o destino da humanidade e do planeta, numa condução coercitiva ao insustentável, tanto em nível ambiental como cultural e social, seria um ato de ressentimento e ódio do universo intelectual para com o capitalismo? O ódio e o ressentimento se cristalizariam segundo a autora porque fundamentalmente um *padeiro* é mais valorizado e não se ressentiria, como ela diz, pois “mudariam de ramo, sem ressentimento”? Há sem dúvida certa carga de ressentimento e magoa pelo não reconhecimento alheio em inúmeras situações da vida de toda pessoa, mas atribuir em *absoluto* toda uma *não* identificação, ódio, a qualquer coisa que seja, apenas pela via do ressentimento é algo profundamente questionável, indemonstrável, em relação a um *único* sujeito, quanto mais a um conjunto de sujeitos denominados aqui de *Intelectuais*.

Não obstante isso, podemos nos perguntar: A produção intelectual e científica tem que se orientar aos valores de mercado? Será que Einstein teria desenvolvido a teoria da relatividade se

ele quisesse produzir aquilo que o público quer comprar? E Copérnico dizer que o sol não gira em torno da terra, mas o contrário? Parece que grandes desenvolvimentos científicos e intelectuais trabalham justamente sobre temas de pouco interesse do público em geral, e muitas vezes contra o senso comum e contra as tradições, em vez de se esforçar por se conformar às exigências de potenciais consumidores. Inclusive, uma grande bandeira de muitos autores do Iluminismo foi o combate ao senso comum e às tradições, as quais seriam obstáculos à razão. Analisar a atividade intelectual sob a ótica das leis do mercado é ter uma noção muito estreita da atividade intelectual como ofício e não se ocupar da análise das obras e produções intelectuais em sua relação com o senso comum dominante em suas épocas, o que não os impediu de se transformarem em clássicos no futuro.

DO ÓDIO AO RESSENTIMENTO

Os afetos do “re-sentimento” e do ódio estarem, na visão da autora, completamente ligados, também nos causa estranheza. O ódio é experimentado nas mais diversas situações desde a tenra infância e não se trata de um traço inseparável do re-sentimento. Como afirma a psicanalista Maria Rita do Kehl (1951), o ressentimento se manifesta normalmente nos momentos em que o ‘sujeito’ se coloca numa posição de *vítima passiva* em oposição a uma *postura de mudança* ou revolução de algo. O ressentido se posta, muitas vezes, como alguém de ‘moral elevada’,

⁶ BRECHT, BERTOLT, *Antologia poética*. Editora: ELO, 2016.



A POSTURA CRÍTICA E O NÃO BLOQUEIO AFETIVO SÃO JUSTAMENTE A CONSERVAÇÃO DA ABERTURA DA POSSIBILIDADE DE MUDANÇA, O MOTOR DA CONSTANTE MUDANÇA INEVITÁVEL QUE SE FAZ PRESENTE NA HISTÓRIA, NA VIDA

alguém incompreendido pelos outros e muitas vezes flerta o isolamento frente a esse não reconhecimento do Outro. O traço marcante dos que comumente assumem posições ressentidas é que por mais que ele galgue e busque algo, haverá sempre o álibi de que o Outro é o culpado por todos os seus males. Kehl ainda traça paralelos com a literatura, cinema e filosofia apontando casos clássicos onde se é retratado o ressentimento. O icônico Raskolnikov, por exemplo, personagem de *Crime e Castigo* de Dostoiévski, em seus desatinos, se mostra atormentado pelo ressentimento e culpa, ficando muitas vezes isolado, à míngua, para não ter de ir ao encontro do outro, e possível transformação de sua condição. A psicanalista afirma que o personagem de Dostoiévski por se postar como alguém de “moral elevada”, acaba se fechando em uma posição narcísica e de vitimização. Isso é constatado em muitos momentos de *Crime e Castigo*. Em todo caso, cabe se atentar para o fato de que identificar o algoz não se confunde com vitimização ou ressentimento. Vitimização é ou fazer-se de vítima onde não se é, ou querer parecer vítima sem buscar superar a situação da qual se é vítima. O ódio, por outro lado, não necessariamente está presente nessa relação *vitimizadora* do ressentido, pelo menos ele não é sempre externalizado na direção do outro, e comumente retorna ao próprio indivíduo.

Passando da Literatura à filosofia alemã, Friedrich Nietzsche (1844-1900) aborda em várias obras o afeto do ressentimento. Vale lembrar, como afirma Paschoal (1963), que não foi Nietzsche quem inaugurou o uso do termo ressentimento: o que ele faz é ampliar o significado do termo, levando-o a abranger a ideia de uma *fraqueza fisiológica*, de uma *indigestão psíquica* e também de um *problema social*. Nietzsche aborda o ressentimento de várias formas, especialmente em *A Genealogia da Moral*, ele vai se apropriar do ressentimento para caracterizar aquele tipo de homem fraco fisicamente, que se concebe e se quer assim, *inapto para a reação dos atos*, e que possui igualmente um aparelho

digestivo incapaz de digerir suas vivências frustrantes. As consequências de uma ‘moral do ressentido’ são fundamentais para a filosofia de Nietzsche, mas não a levaremos adiante aqui. O que é importante frisar é que o traço marcante do ressentido, segundo Nietzsche, é a fragilidade e a incapacidade de transformação de uma realidade frustrante e a constante posição vitimizada. Nesta direção, seria interessante perguntar: alguém que lute, indague e busque a promoção de mudanças vigorosas, teria uma posição literalmente ressentida como quer fazer pensar Faggion acerca dos intelectuais? Voltaremos a isso. Antes concluiremos as acepções de Kehl acerca do ressentimento.

Maria Rita Kehl, em sua reflexão acerca do ressentimento, em obra homônima, converge com Nietzsche e aponta para o viés *insistente e repetitivo* das infundáveis queixas do acometido profundamente pelo ressentimento, queixas das mais diversas e nas mais distintas situações da vida. A persistência da magoa, o acúmulo de reclames contra o Outro, são traços também marcantes que se cristalizam na posição de *passividade* do ressentido. Portanto, ao contrário do que propõe Faggion, podemos compreender na perspectiva de Nietzsche, reafirmada por Kehl, que não teria uma posição ou conduta essencialmente marcada pelo *ressentimento*, aquele que se envolve, se renova, luta constantemente em uma busca contínua no horizonte da não *conformação* do que lhe posto como *natural*. A não *passividade* e possível *transformação* do que lhe aflige não são atitudes próprias dos profundamente ressentidos. A postura crítica e o não bloqueio afetivo são justamente a conservação da abertura da possibilidade de mudança, o motor da constante mudança inevitável que se faz presente na história, na vida. Na verdade, o ódio muitas vezes aparece como traço fundamental que move o sujeito da passividade a atividade. Nota-se em larga medida uma *postura ativa* e não *ressentida* de transformação que persiste historicamente em muitos intelectuais de diversas nacionalidades. Há uma busca por alternativas de mudança efetiva para o social, saindo assim da lógi-

ca maniqueísta do *culpar o outro a qualquer custo*, onde, neste caso, o ressentimento de fato é uma forte arma, inclusive política.

ESFERA PÚBLICA E POLÍTICA

Noutras esferas, no plano dos movimentos sociais e coletivos, alguns dos traços afetivos marcantes das históricas revoluções, a Francesa, por exemplo, eram de fato o *ódio* a certa conjuntura social, e o *amor* a certos ideais que reivindicavam transformação social, não fundamentalmente o *ressentimento*. Ao contrário de buscar o reconhecimento na ordem estabelecida, identifica-se a própria ordem como um sistema de privilégios que impede o reconhecimento. Em lugar de querer participar da casta privilegiada, como quer fazer crer a autora, a

crítica ao capitalismo costuma trabalhar justamente no sentido oposto, de se fundir com os demais, não buscando um reconhecimento ou retribuição privilegiados. Não foram também fundamentalmente ressentidos – nem povo, nem intelectuais – aqueles que derrubaram os Czares há cem anos, em 1917, na Revolução Russa, pois não se vitimizaram em absoluto na tentativa de despertar compaixão. Ao contrário, partiram para a ação no intuito de superar a condição que lhes fazia vítimas.

Dizer que o traço marcante das revoluções se encontra em alguma medida na dialética de ‘amor e ódio’, encontrada nas escritas dos intelectuais de várias épocas, - ‘ódio ao inimigo, amor aos ideais’ – é justificável, mas afirmar que o ressentimento é o motor, não. Quem se engaja em determinada

direção política não é em sentido literal motivado fundamentalmente pelo ressentimento. O acometido essencialmente pelo ressentimento amiúde se esconde e antecipadamente promulga a culpa do insucesso ao outro, inconscientemente. Luta pouco, se envolve menos ainda. Em termos psicanalíticos, em alusão à obra de Freud, podemos pensar no ressentido como aquele que é incapaz de “repetir, recordar e elaborar” uma vivência outrora sentida. Incapaz de *re-sentir* e *reelaborar* determinadas representações, o ressentido se fecha em si, numa perspectiva narcísica, estabelecendo poucos laços, culpando o outro, culpando o mundo e pouco ou minimamente buscando transformá-lo. Todos ficamos ressentidos em determinados momentos de nossas vidas, e isso não é um traço preferencial de A ou B capaz de ser elevado ao estatuto supremo na constituição de determinada *narrativa identitária*.

Em suma, afirmar que os intelectuais odeiam o capitalismo por uma questão fundamentalmente cunhada numa “moral distributiva ideal e meritocrática” que não se encontra nas sociedades de mercado, e que por isso odeia-se e ressentem-se, - é negar toda a percepção de violência, dominação e subjugação que historicamente o capitalismo transpassa através dos efeitos e fatos acumulados. Seria mais coerente pensar que mais do que *amar* outra forma de organização econômica e social, não se identificam com a violência opressora entranhada no capitalismo. Ademais, o triunfo e o reconhecimento não estão intimamente ou *necessariamente* ligados às cifras



IMAGEM: SHUTTERSTOCK, .INC

em milhões que esportistas e celebridades do mercado venham a receber. Por mais que esse seja contemporaneamente o valor dominante, e também o valor intrínseco que a autora queira passar como causa do ódio e do ressentimento dos intelectuais, não se pode afirmar isso como se fosse uma categoria atemporal e da natureza humana. A escrita de um grande clássico, a descoberta científica de algo, a busca pela perfeição e sublimação através da obra de arte ou até mesmo o tato com a transmissão dos múltiplos saberes, parece ser um anseio milenar que se nota em certos sujeitos que recebem a alcunha de intelectuais. Há sensação de reconhecimento nisso. Por mais que, amiúde, o mercado e o senso comum sinalizem negativamente.

A QUEM SERVE PASSAR UMA MERA IMPRESSÃO

Seria mera coincidência que justamente aqueles que mais se dedicam a estudar a sociedade são aqueles que, dentre os intelectuais, mais criticam e se opõem ao capitalismo? Ou será justamente porque eles mais estudam a sociedade – e vivemos numa sociedade organizada sob o sistema capitalista?

A oposição dos intelectuais ao capitalismo se basearia no anseio da aplicação de um sistema de justiça distributiva e do anseio pelo reconhecimento, segundo a argumentação da autora e dos autores mencionados. O ressentimento é colocado como hipótese do que os inclinaria a esses princípios. Hipótese que permanece como mera elucubração, não suportada nem por uma argumentação sólida nem métodos de verificação empírica.

Caberia perguntar se a própria autora não traria consigo traços de ressentimento contra a ampla maioria da intelectualidade que se opõem ao livre mercado. Esse ressentimento poderia ser o responsável por sustentar seu preconceito à intelectualidade, desconsiderando todas as particularidades dos sujeitos para encaixá-los todos no grupo estereotipado que ela apresenta, cuja característica que se sobressai seria 'odiar o capitalismo'. Neste sentido, acende-se o alerta de a autora estar tentando defender seu preconceito, ou seja, sua opinião que cria os estereótipos nos quais se embasa a fim de justificar uma visão de mundo que não pode ser questionada sem desvalorizar aquele que a questiona. Além disso, a própria estratégia retórica da autora demonstra uma atitude preconceituosa. Ao perguntar: "Quem, afinal, não conhece um profes-

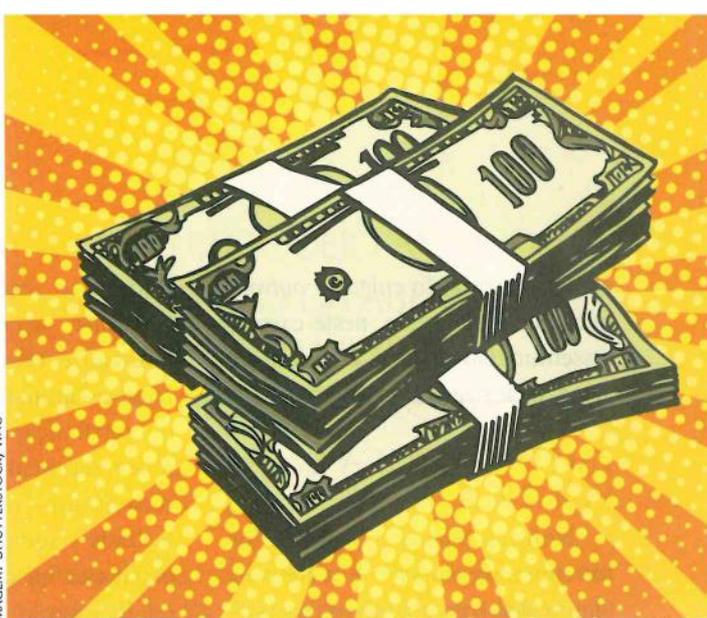


IMAGEM: SHUTTERSTOCK, .INC

sor ressentido por ser menos valorizado do que um Neymar? Ou um filósofo que não torce o nariz para a sociedade que coloca os livros de Augusto Cury nas bancas de destaque das livrarias, em vez dos dele?" se está induzindo o leitor a, a partir da experiência de um indivíduo conhecido, o qual tem milhões de características para além de ser professor ou filósofo, transferir essa impressão a todos os indivíduos de um grupo como se passasse assim a ser característica necessária de um grupo. Ou seja, verificamos aqui dois elementos constituintes do preconceito social de grupo⁷: 1- a simplificação de um indivíduo a apenas uma de suas características; e 2 – a super-generalização das características de um indivíduo a todo um grupo, cujo pertencimento lhe é atribuído. Além desses, soma-se a desqualificação daquele que pertence ao grupo: sendo movido por um suposto ódio fundado/fundido em ressentimento, a argumentação apresentada por qualquer um que possa ser encaixada nesse grupo passa a ser desconsiderada de antemão pelo mero pertencimento ao grupo, pois se atribuiu o estereótipo de 'ressentido' e 'odioso' a todos seus integrantes, o que é tido como um entrave ao raciocínio e à argumentação.

CONSIDERAÇÕES

Em resumo, aparentemente os intelectuais que estudam a sociedade se opõem desproporcionalmente ao capitalismo não por ressentimento, mas por buscar viver em uma sociedade/mundo onde os indivíduos sejam reconhecidos e onde todos tenham direito de subsistência e, com isso, de desenvolver 'livremente' suas potencialidades, o que não se faz possível em um sistema economicossocial fundado na desigualdade, onde

7 MILELI, D. *Die gruppenbezogenen sozialen Vorurteile: Eine Untersuchung der ihnen beigemessenen Verwerflichkeit*. Hamburg: Universität Hamburg.

O BRASIL NOS DÁ, ATUALMENTE, SINAIS DE QUE PASSAMOS POR PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS...

uns começam suas vidas em condições de abundância e outros de miséria o que resulta, de um lado, em uma disseminação da miséria e do outro lado em acumulação da riqueza. Esse círculo vicioso é justamente o impedimento ao exercício da 'liberdade'. Liberdade aqui não compreendida como 'autonomia absoluta' ou 'independência de tudo e de todos', mas como *um exercício ético determinado, onde a perspectiva volitiva se alonga ou se encurta de acordo com as particularidades, sobretudo materiais e contextuais, em que se alojam cada 'sujeito', em um movimento de realização de suas potências.* Ora, não há 'indivíduo' sem a vida em comum, não há qualquer possibilidade de 'autonomia' ou 'liberdade' – mesmo que restritas –, sem a coletividade que o afeta e o constitui.

Então, em vez de os intelectuais possuírem uma índole autoritária e ditatorial, como quer fazer crer a autora, a oposição ao capitalismo é uma ação – e não uma passividade, portanto não podendo ser um ressentimento – em defesa da liberdade, não em sentido estritamente metafísico, mas mais atrelada à liberdade material. Além disso, não ficou claro qual seria o mal em se buscar construir uma

sociedade que reconheça a todos e lhes garanta as condições de subsistência sem as quais é impossível ser em alguma medida livre.

Como já dissemos, é sempre em tempos de crise que vemos questões como 'esquerda/direita', 'capitalismo/socialismo', etc. serem retomadas com maior vigor. A figura do 'intelectual' é necessariamente implicada e convocada nestas discussões atravessadas pela afetividade peculiar desses temas que questionam em sentido amplo a ideologia dominante. Talvez por isso a pergunta 'por que os intelectuais odeiam o capitalismo?' sempre retorne, por também mobilizar maciçamente grandes porções de afeto em seus discursos. O Brasil nos dá, atualmente, sinais de que passamos por profundas transformações políticas – ou talvez o retorno a velhos discursos. Não só no Brasil, mas em todo o mundo, é notória a ascensão do 'populismo de direita', alcunha criada para denominar aquilo que no início do século XX se chamava simplesmente de fascismo. Nos mais diversos cantos do mundo, ecoam-se discursos complacentes à exclusão deliberada, em figuras caricatas como, por exemplo, Trump, Le Pen ou Bolsonaro. Em momentos assim é notório o crescimento do ódio aos intelectuais de esquerda, aos imigrantes, ao Outro: a toda pauta que reivindica transformações profundas e sistêmicas, em vez de medidas que mantenham a ordem 'natural' e fruição do capitalismo. Opta-se pela defesa do sistema por meio da desqualificação do outro a fim de manter sua posição de privilégio relativo e de conforto, com cujas

dificuldades já se está acostumado a se conviver, o que não quer dizer que se desejaria viver nela caso se pudesse optar. Explora-se o afeto do *medo*, no caso de um eventual não-capitalismo, o que explorado, pouco ou nada tem a ver com liberdade. Todo esse movimento que visa mobilizar e explorar essencialmente o afeto do medo, - o medo antecipado de possíveis transformações no tecido social - conduz o público em geral à sensação de que "é mais fácil pensar o fim do mundo do que o fim do capitalismo", como constatou Zizek (1949).

filo

REFERÊNCIAS

- O **Abecedário de Gilles Deleuze** (uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações])
- NOZICK, R. Why do Intellectuals **Oppose Capitalism?** – Cato Policy Report, v. XX, n. 1, pp. 8-11, jan./fev. 1998.
- MILELI, D. **Die gruppenbezogenen sozialen Vorurteile: Eine Untersuchung der ihnen beigemessenen Verwerflichkeit.** Hamburg: Universität Hamburg, 2016.
- PASCHOAL, E. **As formas do ressentimento na Filosofia de Nietzsche.** PHILÓSOPHOS pp. 11-33, jan./jun. 2008
- FAGGION, A. **Porque os intelectuais odeiam o capitalismo.** Coluna ANPOF, 2016
- KEHL, M. R. **Ressentimento.** Casa do Psicólogo, 2007.
- PEREZ, D. **A identificação, o sujeito e a realidade.** Uma abordagem entre a filosofia kantiana e a psicanálise freudiano-lacaniana – Revista Sofia, pp. 162-210, dez/2016.
- SAFATLE W. **O circuito dos afetos: Corpos político, desamparo e o fim do indivíduo** – São Paulo: Editora Cosac Naify, 2015.
- STARNINO, A. **Sobre Identidade e Identificação em Psicanálise: Um Estudo a partir do Seminário IX de Jaques Lacan.** Revista Dois Pontos: v.13, pp. 231-249